



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Lutando por Espaço no Cinema: Mulher Maravilha e sua emancipação narrativa¹

Laís ROXO²

Ellen Alves LIMA³

Yuri GARCIA⁴

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A relevância cultural das personagens femininas na atualidade, assim como as pautas sobre feminismo ganham crescente espaço no cenário contemporâneo. Assim, esse artigo propõe analisar *Mulher Maravilha* (2017) e *Mulher Maravilha 1984* (2020) em relação a sua emancipação narrativa como personagem. Através de uma compreensão dos arcos descritos por Joseph Campbell (1989) e Maureen Murdock (1990), procuramos identificar elementos que se aproximam do conceito e ideias originais da Mulher Maravilha criada em 1941, que, desde sua concepção, retratava questões e referências muito fortes da luta feminista da época. Dessa forma, o trabalho visa investigar a maneira como determinadas pautas, colocadas nos dois filmes, tornam-se debates atuais com o propósito de ser apreendidos como produções voltadas para a representatividade.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; Cinema; Mulher Maravilha; História em Quadrinhos; Representatividade.

Introdução

Desde a sua aparição, Mulher Maravilha se destaca por ser uma protagonista feminina forte que combate o crime. Sua primeira aparição em HQs ocorreu em 1941,

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais integrante do Alcar Sul 8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia.

² Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCom/UERJ), e-mail: roxolais@gmail.com

³ Estudante do Curso de graduação em Cinema da Universidade Estácio de Sá (UNESA), e-mail: ellen2000.a.l@gmail.com

⁴ Professor e pesquisador bolsista do Programa de Pesquisa e Produtividade da Universidade Estácio de Sá (UNESA), Pesquisador de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCom/UERJ), e-mail: yurigpk@hotmail.com



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

como uma guerreira proveniente de uma ilha povoada e regida por mulheres, que lutava por ideais como “paz, justiça e direitos femininos” (LEPORE, 2014, p.xi)⁵. Diana é filha da rainha Hipólita e habita Themyscira, ilha das amazonas. Posteriormente, é enviada ao “mundo dos homens” para propagar a paz. William Marston, seu criador, teve muito contato com pautas feministas graças a sua proximidade com o ambiente universitário.

Mulher Maravilha, mais que uma princesa amazona, é a conexão numa cadeia de eventos que começa com as campanhas sufragistas de 1910 e termina com um feminismo ainda conturbado um século depois. Em uma interpretação que permite uma dubiedade maior, seu figurino traz elementos de uma crença de Marston em um vestuário mais livre, mas recai em uma obviedade da pulsão escópica patriarcal que percebe o corpo feminino de forma sexualizada. Assim, sua roupa, apesar de uma origem em uma crença a partir de uma ideologia feminista, também possui um lado forte de agradar ao público masculino.

A Mulher Maravilha teve um início promissor ao ressaltar o tempo todo seu caráter feminista em um ambiente claramente machista, tanto pela dominação de personagens masculinos quanto pelos produtores de conteúdo serem, em sua maioria, homens. Já com seu discurso consolidado, passou a ser símbolo de resistência dentro da cultura pop, sendo nomeada “símbolo da revolução feminista” em 1973.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Mulher Maravilha em suas investidas cinematográficas recentes. Como símbolo feminino, possui uma amplitude de formatações e reconstruções ao longo da história. Sua incursão fílmica, no entanto, é mais recente e pode apresentar um trajeto de desconstrução de um modelo de herói patriarcal no audiovisual. Dessa forma, o artigo irá propor um debate acerca dessa reapropriação da personagem no cinema em um processo de emancipação narrativa que permite novas formas de representação da mulher.

⁵ Todas as traduções quando não apontadas o contrário serão de nossa autoria “Peace, justice and Woman rights.”



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Metodologia

O trabalho terá uma metodologia de caráter mais teórico. Através de um arcabouço bibliográfico sobre a personagem e questões que versem com as pautas de representatividade, feminismo e gênero, iremos construir uma base analítica que integre dados referentes às produções que possam auxiliar as análises. Por fim, proporemos uma investigação na questão narrativa dos filmes, tendo em conta os trabalhos de Joseph Campbell (1989) e Maureen Murdock (1990).

Resultados, discussão e análises

Mulher Maravilha (2017) foi a primeira produção protagonizada por uma mulher na nova construção do universo cinematográfico da DC Comics. A direção é assinada por Patty Jenkins em um projeto majoritariamente comandado, financiado e idealizado por homens. O próprio roteiro foi escrito por Zack Snyder, Allan Heinberg e Jason Fuchs. Esse processo demonstra uma tentativa de inclusão muito limitada, onde o resultado apresentado ainda possui uma ótica muito masculina. Há uma necessidade de luta e reivindicação de mais espaço para as mulheres na indústria cinematográfica, que pode ser identificada na ausência de filmes de super heroínas. A representatividade só ocorre corretamente se os grupos minoritários também possuem espaço de idealização do projeto (ALMEIDA, 2019). O aspecto imagético da exposição de uma mulher também possui um viés que pode ser problematizado como vemos em uma frase da vereadora assassinada Marielle Franco que afirma que “imprimir a imagem do nosso rosto em um panfleto é quase um convite ao assédio, que vai desde pedidos de casamento até propostas da troca do voto por um beijo” (FRANCO *apud* HOLANDA; PEREGRINO, 2019, p.65) A cultura do estupro é evidenciada através da determinação da mulher como objeto sexual que possui repercussões também no imaginário cultural. “Nessa sociedade, as pessoas são obrigadas a desempenhar papéis a partir de signos que são administrados e manipulados, como se fossem caixas que põem as coisas em um lugar no qual é mais fácil dominá-las” (TIBURI, 2018, p.61).



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Patty Jenkins apresenta uma Diana independente, tornando-a uma figura mais representativa. Mesmo com sua mãe a proibindo, a personagem aprende a lutar, demonstrando persistência em se tornar uma guerreira, e pratica ações que nossa sociedade compreende como masculinas. Judith Butler (2011) aponta o gênero como algo culturalmente construído e *Mulher Maravilha* (2017) prova sua potência ao se tornar melhor do que os homens em práticas socialmente consideradas inadequadas para uma mulher. O filme possui características que demonstram alguns elementos machistas como as amazonas vivendo em uma ilha criada por Zeus (uma representação masculina e patriarcal da mitologia grega) e concedida para sua habitação, ou a personagem fazendo sua viagem ao “mundo dos homens”, sendo guiada (excessivamente) por Steve Trevor. Contudo, a diretora destaca características inovadoras da personagem, tornando possível estabelecer uma relação narrativa com a obra *Heroine's Journey* de Maureen Murdock (1990), apontando “uma mulher, capaz de cumprir a jornada sendo ela mesma e protagonizando sua própria história” (FRANCO, 2019, p.198).

Diana só desenvolve uma amizade feminina em sua sequência fílmica, mesmo após aparecimentos anteriores na franquia onde só interagiu com homens. Essa amizade demonstra uma intenção de sororidade e desconstrução do universo masculino no qual estava inserida desde sua chegada ao cinema. A trama envolvendo outra mulher manifesta um amadurecimento da narrativa. Ainda assim, a sequência do filme não passa no Teste de Bechdel⁶ pois Barbara Minerva, personagem que posteriormente se torna uma das vilãs do filme, introduz o tema de romance e relacionamentos repetidamente com Diana como tema de suas conversas.

Considerações

Se por um lado, observamos a importância social que a *Mulher Maravilha* carrega em sua criação, por outro, percebemos uma dificuldade narrativa que essa simbologia

⁶ Teste que, através de três regras básicas, analisa se um filme traz personagens mulheres fortes e participativas. As regras são: o filme deve ter duas ou mais personagens com nomes; elas devem conversar entre si; e o assunto da conversa deve ser algo que não envolva temas relacionados a romances. Caso atenda a todas as três premissas, o filme passa no teste.



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

fosse mantida de maneira constante em suas várias histórias. Ao chegar no cinema, na geração atual, o desenvolvimento da personagem se aproxima da ideia original, porém com nuances divergentes. A maneira com que o roteiro se organiza no primeiro filme (2017) caracteriza uma dependência nas ações da história por meio do personagem masculino, mesmo sendo coadjuvante. No segundo filme (2020) a narrativa amadurece em vários pontos, apesar de ainda cair em clichês, porém dando um destaque maior a personagem em sua própria narrativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (orgs.). **Gênero, Cultura Visual e Performance: Antologia Crítica**. Vila Nova de Famalicão: 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1989.

FRANCO, Gabriela. A Jornada da Heroína. In: MARINO, Dani; MACHADO. Luluña (orgs.). **Mulheres & Quadrinhos**. São José: Skript, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; PELLEGRINO, Antonia. Política Representativa. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEPORE, Jill. **The Secret History of Wonder Woman**. New York: Vintage Books, 2014.

MURDOCK, Maureen. **The heroine's journey**. Boston: Shambhala, 1990.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para Todas, Todes e Todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.